



TEOLOGIA EXISTENCIALISTA DE PAUL TILlich E O PLURALISMO RELIGIOSO: EXISTÊNCIA, SÍMBOLOS E RELIGIÕES¹

Existentialist theology of Paul Tillich and religious pluralism: existence, symbols and religions

Fábio Augusto Darius²
Jean Carlos Zukowski³
Luan Alves Cota Mol⁴

Resumo:

Paul Tillich, especialmente em sua Teologia Sistemática, apresenta um sistema teológico construído a partir dos pressupostos básicos a respeito do ser de Deus e natureza humana. Neste sistema, pode-se observar a relação de princípios fundamentais e a maneira como ele compreende o processo de comunicação do divino com o elemento humano. Como este evento comunicativo e revelatório resulta na produção de doutrinas e símbolos religiosos, é necessário compreender a doutrina do simbolismo tillichiana e a instabilidade religiosa que surge como resultado dessa doutrina. Neste sentido, o objetivo do artigo é analisar como os temas da realidade divina e humana se associam com a questão do pluralismo religioso, que, na construção teológica de Tillich, aponta para a universalidade da verdadeira religião do “espírito concreto”, presente em todas as demais religiões.

Palavras-chave: Existencialismo. Ontologia. Antropologia. Epistemologia. Pluralismo Religioso.

Abstract:

Paul Tillich, especially in his Systematic Theology, presents a theological system built on basic assumptions about the being of God and human nature. In this system, one can observe the relationship of fundamental principles and the way in which it understands the process of communication between the divine and the human element. As this communicative and revelatory event results in the production of religious doctrines and symbols, it is necessary to understand the doctrine of Tillichian symbolism and the religious instability that arises because of this doctrine. In this sense, the objective of the article is to analyze how the themes of divine and human reality are associated with the issue of religious pluralism, which, in Tillich's theological construction, points to the universality of the true religion of the "concrete spirit", present in all other religions.

Keywords: Existentialism. Ontology. Anthropology. Epistemology. Religious Pluralism.

¹ Enviado em: 18.03.2022. Aceito em: 30.06.2023.

² E-mail: fabio.darius@unasp.edu.br.

³ E-mail: jean.carlos@faama.edu.br.

⁴ E-mail: luan.mol@unasp.edu.br.

Introdução

O teólogo e filósofo alemão-americano analisado neste artigo, Paul Tillich (1886-1965), foi um dos mais expressivos pensadores do século 20. Foi capelão durante a primeira guerra mundial e professor de teologia e filosofia em diversos lugares, especialmente em Marburg, onde se encontrou com Heidegger, que muito o influenciou. Por volta de 1913 e 1914, Tillich havia feito uma primeira tentativa de sistematizar seu pensamento teológico, embora a publicação de sua Teologia Sistemática nos três volumes analisados neste artigo ocorreu somente na década de 1960.⁵

A análise teológica como um sistema partindo dedutivamente de uma premissa até chegar numa conclusão lógica, tendo como pano de fundo uma ideia central que articula todo o pensamento teológico do autor, é um fruto da modernidade. Ela pode ser identificada a partir do trabalho de Bartholomaeus Keckermann, “*Systema sacrosanctae theologiae*”, que o usa o termo sistema teológico para designar sua forma dedutiva e analítica na organização de seu modelo sistemático-teológico.⁶

Fernando Canale, licenciado em teologia e filosofia, afirma que um sistema é o conjunto de ideias fundamentais a respeito da realidade, tais como a compreensão do ser, do que é real, de Deus, do homem e do conhecimento, que atuam como pressuposições determinativas sobre a teologia. Em outras palavras, o sistema atua como um princípio que articula toda a teologia em sua forma de interpretar os princípios elementares da realidade. Na teologia cristã, o princípio de articulação que harmoniza uma teologia é a ideia de Deus⁷.

Dessa maneira, a fim de compreender a teologia proposta por Paul Tillich, é de suma importância analisar a visão que ele tem das ideias fundamentais citadas acima, a saber, o ser de Deus, a antropologia e a natureza do conhecimento, para então compreender a relação de seus escritos com a questão do pluralismo religioso. Como notou Schwarz⁸, os escritos de Tillich estão diretamente ligados com sua compreensão da natureza humana, divina e religiosa, tornando necessária um estudo macrohermenêutico dos escritos tillichianos, partindo de seus pressupostos básicos, quando se objetiva identificar os fundamentos de sua eclesiologia.

Natureza Divina

O conceito básico que articula a estrutura teológica de Paul Tillich é o conceito de ser. Para ele, o fato de algo *ser* exige a possibilidade de *não-ser*. Dessa maneira, “tudo o que participa do poder de ser está “mesclado” com “não-ser”, pois está em um constante processo de vir, partindo do não-ser e retornando a ele por conta de sua finitude⁹. Assim, toda a criação é finita em sua participação do ser e do não ser, sendo que a única maneira lógica de Deus ser real, evitando o não-

⁵ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 7. ed. São Leopoldo, RS, Sinodal, 2005, p. 3.

⁶ KECKERMANN, Bartholomaeus. *Systema sacrosanctae theologiae, tribus libris adornatum* (Hanoviae: Gulielmus Antonius, 1602); also found in Keckermann's *Operum omnium quae extant*, 2 vols. Geneva: Petrus Aubertus, 1614).

⁷ CANALE, Fernando Luis. Paradigm, System, and Theological Pluralism. *Evangelical Quarterly*. v. 70, n. 03, p. 203 e 207, 1998. Disponível em: http://biblicalstudies.gospelstudies.org.uk/pdf/eq/1998-3_195.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.

⁸ SCHWARZ, O. Douglas. Religious Relativism: Paul Tillich's 'Last Word.' *American Journal of Theology & Philosophy*. v. 7, n. 2, University of Illinois Press, 1986, p. 106. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27943689>. Acesso em: 15 mar. 2022.

⁹ TILLICH, 2005, p. 198.

ser, é transcender a noção do ser, o que Tillich¹⁰ denomina *ser-em-si*, a substância ou o abismo, um ser sem estruturas concretas, que resiste a possibilidade de não-ser. Para Tillich¹¹, então, “Deus não existe”, pois, sua realidade está além da essência e da existência.

Na teologia de Tillich, Deus não possui uma estrutura pessoal¹². Além disso, negando o essencialismo escolástico¹³, ele afirma que Deus é o fundamento dos seres finitos e, por isso, não se relaciona de maneira externa ao homem, como um sujeito¹⁴, pois Deus também está além da relação sujeito-objeto¹⁵. Em outras palavras, Deus é o fundamento criativo de todo ser, atuando em tudo como um poder inerente do ser¹⁶ e, dessa maneira, não há comunicação objetiva entre Deus e o homem que seja externa ao homem¹⁷.

Em sua visão, Deus, o eterno, está fora do tempo e do espaço e, por essa razão, não pode ser alcançado pela razão humana, que é finita, espacial e temporalmente sujeita ao não-ser¹⁸. Este conceito ontológico de Deus como a base do ser, tende a despersonalizar Deus¹⁹, pois Deus é a base de todo ser pessoal, mas transcende a categoria de personalidade²⁰. Falar de Deus como uma pessoa sugere que Ele se encontre em um local definido, como todos os seres humanos. Assim, ele nega a pessoalidade de Deus²¹.

Para ele a ideia de um Deus pessoal é construída partir do ponto de vista da existência humana, uma vez que os relacionamentos existenciais se baseiam em um sistema pessoa-a-pessoa e essa é a única maneira de um ser existencial falar do divino²². Deus como pessoa, portanto, é um símbolo religioso indispensável, uma vez que os seres humanos são seres pessoais e Deus, sempre inacessível, precisa ser compreendido em termos pessoais, a fim de que seja relevante para a situação humana. A tabela a seguir resume, em linhas gerais, o ser de Deus em Paul Tillich:

¹⁰ TILLICH, 2005, p. 59, 93.

¹¹ TILLICH, 2005, p. 213.

¹² SONTAG, Frederick. Biblical Authority and Tillich's Search for the Ultimate. *Journal of Bible and Religion*, v. 30, n. 04, Oxford University Press, *American Academy of Religion*, p. 281, 1962. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1459680>>. Acesso em: 15 de Mar. 2022.

¹³ Tillich (2005, p. 213) afirmou que “os escolásticos estavam certos ao afirmar que em Deus não existe diferença entre essência e existência. Mas eles perverteram esta intuição quando, apesar desta afirmação, falaram da existência de Deus e tentaram argumentar em seu favor. (...) Deus não existe. Ele é o ser-em-si para além de essência e existência. Assim, argumentar em favor da existência de Deus é o mesmo que negá-lo.”

¹⁴ DULLES, Avery R. Paul Tillich and the Bible. *Theological Studies*. v. 17, n. 03, p. 361-362, 1956. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177%2F004056395601700303>>. Acesso em: 15 de Mar. 2022.

¹⁵ SONTAG, 1962, p. 281.

¹⁶ RODRIGUES, Adriani Milli; GALVANI, Gabriel Pilon. O conceito de Logos em Paul Tillich e suas implicações para o método e o sistema teológico tillichiano. *Reflexus*. v. 13, n. 22, p. 610, 2019. Disponível em: <<https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/945>>. Acesso em: 15 de Mar. 2022.

¹⁷ DULLES, 1956, p. 361.

¹⁸ TILLICH, 2005, p. 95.

¹⁹ ARNETT, 1966, p. 37.

²⁰ SONTAG, 1962, p. 281.

²¹ MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica: uma introdução à teologia cristã*. Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo, SP: Shedd, 2010, p. 318.

²² GREAN, Stanley. Truth and Faith in Paul Tillich's Thought: The Criteria and Values of Ultimacy. *Ultimate Reality and Meaning*. v. 16, n. 1-2, p. 156, 1993. Disponível em: <<https://www.utpjournals.press/doi/epdf/10.3138/uram.16.1-2.149>>. Acesso em: 18 de Mar. 2022.

TABELA 1: O Ser De Deus Em Tillich

SER DE DEUS
Eterno em contraste com a existência concreta
Essencialmente imutável
Presente na profundidade de cada ser
Não possui estrutura pessoal ou física
Pode ser descrito por representações terrenas

Natureza Humana

Após descrever sinteticamente a percepção tillichiana acerca de Deus, na compreensão de seu sistema teológico, é fundamental compreender sua visão da natureza humana, situação e existência. Ao abordar o tema da situação atual da humanidade e do pecado, Tillich apresenta que a existência humana já estava, em forma de possibilidade, no ser essencial pré-queda²³. Existir, então, é abandonar o estado de mera potencialidade, ou seja, da essência (pré-lapso), e se tornar atual²⁴. Dessa maneira, em seu sistema teológico, a existência é uma manifestação temporal das possibilidades essenciais ou atemporais²⁵.

O “Adão” antes da queda, portanto, estava no estado de potencialidade. Tillich afirma que o estado efetivo é a existência na qual o ser humano se encontra e não houve tempo algum em que isso fosse diferente²⁶. O ato da alienação existencial é um ato de liberdade que está enraizado no destino universal da existência. Sendo que somente Deus resiste ao *não-ser* e a existência, para Tillich, a junção do ser e do não-ser, é a única maneira de compreender os relatos da criação e queda de Adão e Eva, não como um evento histórico, mas como um símbolo para a situação humana em todos os tempos, uma vez que, como visto, a humanidade é necessariamente finita em sua natureza, mas possui no fundamento de seu ser o *ser-em-si*; Deus²⁷. Então, a existência alienada do fundamento de todo ser, o *ser-em-si*, no atual estado em que se encontra a humanidade, é a efetivação da criação, um estado necessário a todos²⁸.

A angústia do existencialismo tillichiano, então, é a situação existencial de todo aquele que tem a consciência de ser finito, de ser uma mescla de ser (Deus) e não ser (criatura)²⁹. Tudo o que Deus cria, então, participa da transição da essência para a existência. Assim, percebe-se que a antropologia tillichiana está baseada em sua visão de Deus. Devido a tal compreensão da existência humana, está enraizado na antropologia tillichiana, que praticamente todos os tipos de realidade são potenciais meios de revelação, pois participam do fundamento do ser³⁰. Deus, mesmo sendo a base de todo ser pessoal, transcende tal categoria de pessoalidade³¹. A existência humana, então,

²³ TILLICH, 2005, p. 328-329.

²⁴ TILLICH, 2005, p. 316.

²⁵ DREISBACH, Donald F. Essence, Existence, and the Fall: Paul Tillich’s Analysis of Existence. *The Harvard Theological Review*. v. 73, n. 3/4, p. 528, 1980. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1509738>. Acesso em: 18 mar. 2022.

²⁶ TILLICH, 2005, p. 333.

²⁷ TILLICH, 2005, 324.

²⁸ TILLICH, 2005, p. 338.

²⁹ TILLICH, 2005, p. 330.

³⁰ TILLICH, 2005, p; 130.

³¹ SONTAG, 1962, p. 281.

só é possível como uma mescla de ser e não-ser, possuindo a base do *ser-em-si* e as possibilidades do não-ser.

Revelação e Epistemologia

Após avaliar a visão de Deus e antropologia de Tillich, é importante analisar a questão epistemológica, pois o conhecimento obtido por seres finitos está relacionado a um objeto que é conhecido. Deus, entretanto, não é um objeto concreto, pois, ao ser a base de todo ser, não pode ser alcançado por meio das categorias normais de conhecimento³². Como a relação com Deus não pode ser concreta, ela é abstrata em sua natureza. Contudo, o ser humano, como ser concreto, necessita que a experiência religiosa seja expressa em termos concretos. Baseado nessa relação entre o fundamento abismal do ser (Deus) e a concretude necessária à experiência existencial, Tillich desenvolve a sua compreensão da história das religiões e dos problemas encontrados em qualquer doutrina³³. Ele faz isso assinalando que a preocupação religiosa é universal, pois todos fazem parte do *ser-em-si*. A concretização dessa experiência no campo temporal da existência, entretanto, é particular, pois envolve os aspectos culturais e sociais dos indivíduos, que, diferentemente de Deus, situam-se no tempo e espaço³⁴.

Revelação, então, é uma forma especial de conhecimento que transcende a tradicional relação sujeito-objeto. É a manifestação de si mesmo feita pelo Deus transcendente, na qual ocorre a apreensão do mistério³⁵. Revelação na teologia de Paul Tillich não se refere a uma transmissão de informação da parte de Deus, mas ela confere à humanidade a dimensão do absoluto, a manifestação do fundamento do seu próprio ser, como visto anteriormente³⁶. Não é estranho, então, que Tillich defina os eventos revelatórios como o alcance da profundidade da razão humana, uma vez que todo ser humano participa do não-ser e do *ser-em-si*, como citado no tópico anterior³⁷. Dois conceitos a respeito da razão, por sua vez, carecem de compreensão na teologia de Tillich. A profundidade da razão humana que é alcançada na revelação é denominada razão ontológica, o *logos* universal do ser³⁸. A razão efetiva, no entanto, está sujeita a finitude da existência temporal e é responsável por tornar concreta a razão ontológica³⁹. Assim é encontrado um nível que transcende a relação sujeito-objeto (razão ontológica) e outra que atua no campo temporal da existência (razão efetiva).

A revelação, então, não possui um conteúdo concreto. Na realidade, é a manifestação da preocupação última da humanidade. O mistério que preocupa cada indivíduo de forma última aparece na revelação, esta que, por sua vez, está condicionada socio, histórico e culturalmente. Não existe uma revelação geral, no sentido que se aplique a todas as pessoas. O que existe é uma revelação que se apodera de um indivíduo ou de um grupo, geralmente de um grupo através de um

³² DULLES, 1956, p. 346.

³³ TILLICH, 2005, p. 219.

³⁴ TILLICH, 2005, p. 222.

³⁵ DULLES, 1956, p. 346.

³⁶ DULLES, 1956, p. 358.

³⁷ TILLICH, 2005, p. 130.

³⁸ O estudo de Galvani (2019) aponta melhor a definição de *Logos* na teologia de Paul Tillich. O *Logos* para Tillich está diretamente relacionado a noção do abismo do ser abordado neste artigo. Dessa maneira, o *Logos* universal de Deus é essência religiosa em todos os seres existenciais, a participação do ser-em-si em tudo que existe.

³⁹ TILLICH, 2005, p. 87-88.

indivíduo; e ela só tem poder revelador nesta correlação, pois se concretizou no contexto socio, histórico ou cultural desse grupo⁴⁰.

Deus, o eterno, está fora do tempo e do espaço e, por essa razão, não pode ser alcançado pela razão humana, que é finita espacial e temporal⁴¹. Revelação, dessa maneira, é alcançar o profundo do ser, a base do ser. Conhecimento da história ou revelação de eventos futuros não é revelação. O que importa é o presente, a situação atual do ser humano em seus dilemas existenciais e sua existência cultural

O conhecimento de algo, para Tillich, não é o conhecimento de sua essência, mas de suas potencialidades, daquilo que se manifesta na existência⁴². As afirmações religiosas, portanto, podem expressar fatos, doutrinas e preceitos, mas não comunicam a revelação, que está no campo da razão ontológica, a base atemporal da existência ou ser-em-si⁴³. Justamente por isso, a Bíblia não pode ser a norma da teologia sistemática, pois este livro é uma coleção de literatura que adequa a revelação ao estado cultural vigente.

A norma, ou chave hermenêutica, da teologia de Tillich é o Novo Ser em Jesus Cristo como a preocupação última da humanidade. Deve ser buscado na Bíblia, então, tudo aquilo que se relaciona com essa norma principal, o novo-ser em Cristo, como revelado por Paulo⁴⁴.⁴⁵ Jesus, então, indica o caminho salvífico dentro do cristianismo, mas o termo “Cristo” tem um sentido simbólico universal, o *Logos* presente em todas as religiões⁴⁶. Todos que participam deste *Logos*, expressando sua preocupação última em forma de símbolos religiosos entram em contato com o poder salvífico do *Logos*.

Doutrinas e Símbolos

Tillich é enfático em declarar que, de acordo com seus escritos, “o centro da [...] doutrina teológica do conhecimento de Deus é o conceito de símbolo”⁴⁷. Em sua teologia, como foi analisado, a única maneira de falar de Deus é por meio de símbolos. Até mesmo o nome “Deus” é um símbolo para a “preocupação última” da existência humana, pois ainda que natureza de Deus não seja algo concreto para o homem, ela precisa de uma efetivação para ser aceita. Para ele, o Divino não possui uma estrutura, pois é um abismo.

⁴⁰ TILLICH, 2005, p. 123-123.

⁴¹ TILLICH, 2005, p. 95.

⁴² DREISBACH, 1980, p. 525.

⁴³ DULLES, 1956. p. 359.

⁴⁴ SONTAG, 1962, p. 280.

⁴⁵ “The precise principles governing the theological synthesis will vary to some extent from century to century. For the purposes of his own system, Tillich formulates the theological norm in terms of the “New Being” which became manifest in Jesus as the Christ. This norm is basically biblical, since it is inspired by the Pauline concept of the “new creation.” Thus formulated, the norm of systematic theology is adapted to the present state of culture and society. It points to the Christian message as the answer to the anxieties and needs of our age, which is haunted by the fear of self-estrangement, dissolution, and conflict.” (DULLES, 1956, p. 359)

⁴⁶ BALEIRO, Cleber A. S. Tillich e a Teologia do Pluralismo Religioso. *Revista Eletrônica Correlatio*. v. 13, n. 26, p. 13, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/5491/4580>. Acesso em: 18 mar. 2022.

⁴⁷ MCDONALD, H.D. The Symbolic Christology of Paul Tillich. *Vox Evangelica*, v. 18, p. 75, 1988. Disponível em: https://biblicalstudies.org.uk/pdf/vox/vol18/tillich_mcdonald.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.

Frederick Sontag⁴⁸ afirma que a única convicção a respeito de Deus no pensamento tillichiano é a crença na misteriosa natureza de Deus, excluindo a possibilidade de uma doutrina fixa. Assim, não existe espaços para outras certezas. Enquanto Deus “existe” como realidade última, como o *ser-em-si*, além da pessoalidade, o homem precisa se relacionar com um ser pessoal, e, por isso, fala de Deus em termos pessoais⁴⁹. Ainda de acordo com Sontag⁵⁰, uma vez que só é possível falar a respeito de Deus em forma de símbolos, todas as afirmações bíblicas a respeito de Deus são simbólicas assim como os símbolos culturais de outros livros religiosos, diminuindo a autoridade da bíblia.

No sistema tillichiano, o símbolo aponta para algo que está além dele, ainda que ao mesmo tempo participa em sua natureza daquilo para o qual aponta, e, por isso, é insubstituível para aquela cultura⁵¹. Assim, as afirmações podem expressar doutrinas, fatos e preceitos que são peculiares a cada cultura, mas não comunicam a revelação e não são mundialmente aplicáveis⁵². Até mesmo os “poderes demoníacos” relatados na bíblia são considerados símbolos da alienação deste mundo⁵³.

Palavra

Seguindo o pensamento de Tillich, então, é óbvio que a palavra como meio de revelação, a “Palavra de Deus”, não é uma palavra de informação sobre uma verdade que, de outra forma, permaneceria oculta. Se fosse isso, ou seja, se a revelação fosse uma informação, não seria necessária qualquer “transparência” da linguagem. A linguagem comum, sem transmitir qualquer conceito de preocupação última, poderia dar uma informação sobre “assuntos divinos”. Tal informação seria de interesse cognitivo e talvez ético, mas careceria de quaisquer características da revelação, que, para Tillich, parte da expressão do *ser-em-si*. Neste caso, então, não teria o poder de apreender, abalar e transformar, este poder que se atribui à “Palavra de Deus”⁵⁴.

Como nenhuma palavra é capaz de expressar a realidade diretamente, como afirmado por Tillich, uma instabilidade doutrinária é inevitável, afirma Sontag⁵⁵. Os que interpretam os conceitos bíblicos de forma literal são considerados racionalistas, pois ignoram a natureza simbólica da linguagem religiosa, que só pode ser compreendida dentro de seu contexto revelatório. Dizer que narrativas bíblicas são mitos, com faz Tillich em relação a criação e queda, por exemplo, é afirmar que o divino está sendo colocado em categorias humanas, em palavras⁵⁶.

As palavras, então, são produtos históricos e limitadas historicamente. Dessa maneira, o único momento no qual as palavras de alguma manifestação religiosa podem ser autoritativas é no momento existencial da experiência⁵⁷. A bíblia se torna um registro que contém a revelação divina e não a Palavra de Deus, uma vez que informações práticas não fazem parte da revelação, que por sua vez, consiste na manifestação do fundamento do ser⁵⁸.

⁴⁸ SONTAG, 1962, p. 283.

⁴⁹ MCDONALD, 1988, p. 75.

⁵⁰ SONTAG, 1962, p. 281.

⁵¹ SCHWARZ, 1986, p. 107.

⁵² DULLES, 1956, p. 348.

⁵³ TILLICH, 2005, p. 322.

⁵⁴ TILLICH, 2005, p. 137.

⁵⁵ SONTAG, 1962, p. 278.

⁵⁶ SONTAG, 1962, p. 278-279.

⁵⁷ SONTAG, 1962, p. 280.

⁵⁸ DULLES, 1956, p. 348.

Isso vale para as doutrinas. Não há doutrinas reveladas, mas há eventos e situações reveladores que podem ser descritos em termos doutrinários. Doutrinas eclesiais, por exemplo, quando separadas da situação revelatória da qual surgiram, carecem de sentido. Assim, algo escrito por Moisés há centenas de anos está limitado ao seu tempo e sua cultura. A “Palavra de Deus” não contém nem mandamentos revelados nem doutrinas reveladas. Ela acompanha e interpreta situações revelatórias⁵⁹. É por estes motivos que Tillich não interpreta a bíblia literalmente⁶⁰.

Aquilo que é divino, logicamente, nunca poderá ser completamente demitologizado, pois as palavras não são capazes de expressar a divindade diretamente. Por isso, a bíblia está repleta de mitos e lendas que buscam expressar a realidade divina. Se a linguagem mitológica for entendida literalmente, Deus estará ao acesso da compreensão humana, o que não pode ocorrer devido a sua natureza que transcende a racionalidade⁶¹. Como Deus está na base do ser, e o conhecimento de Deus é obtido por meio do alcance dessa base, a profundidade da razão (razão ontológica), no pensamento tillichiano, não é a razão (razão efetiva)⁶². Por este motivo que a revelação é um tipo extraordinário de conhecimento, que vai além do sujeito-objeto⁶³.

Assim, como as palavras são produtos culturais de uma era específica, os produtos históricos de uma era não podem ser autoritativos para um outro período⁶⁴. As proposições sobre essa revelação não são revelatórias, fazendo com que a bíblia seja um registro da revelação (ou palavra de Deus), como afirma Dulles⁶⁵. Para Tillich, ainda, a compreensão do misticismo auxiliou os teólogos do século vinte a recuperar a confiança em Deus⁶⁶. Nesse ponto, o pensamento de Tillich pode ser confundido com Bultmann, contudo, ainda que o pensamento de ambos se assemelhe, possui suas divergências.⁶⁷

Religiões

Para descobrir, então, qual a religião ideal, Tillich propõe que a religião ideal deve possuir um elemento simbólico que aponta para o infinito além de si mesmo e um elemento que contenha um conteúdo ético. Ele afirma, então, que nenhuma religião pode ser identificada com a religião ideal. Além disso, Tillich defende que a teologia é produzida a partir da experiência do teólogo. Este, por sua vez, busca tornar concretas experiências validas a todos os seres humanos. Exemplificando essa ideia, Tillich aponta: “A universalidade de uma declaração religiosa não consiste em uma abstração abrangente que destruiria a religião como tal, mas está nas profundezas de cada religião concreta.”⁶⁸

⁵⁹ TILLICH, 2005, p. 137.

⁶⁰ TILLICH, 2005, p. 338.

⁶¹ SONTAG, 1962, p. 279.

⁶² SONTAG, 1962, p. 283.

⁶³ DULLES, 1956, p. 346.

⁶⁴ SONTAG, 1962, p. 280.

⁶⁵ DULLES, 1956, p. 347-348

⁶⁶ SONTAG, 1962, p. 283.

⁶⁷ Para Bultmann, os mitos da bíblia devem ser compreendidos como uma maneira meramente primitiva de ver o mundo e devem ser rejeitados a fim de reduzir o texto bíblico a seus relatos essenciais. Para Tillich, entretanto, os mitos não devem ser rejeitados, pois estes símbolos e mitos são a única forma por meio da qual o evento revelatório pode ser comunicado e compreendido em termos humanos. Assim, o símbolo não deve ser rejeitado, mas reinterpretado a luz da cultura atual (DULLES, 1956, p. 349).

⁶⁸ TILLICH, Paul. *The Future of Religions*, New York, Harper & Row, 1966, p. 94.

Assim, apesar das peculiaridades concretas de cada religião, todas devem não se excluir, mas reconhecer a legitimidade das diversas manifestações religiosas. Isso ocorre porque todas as religiões existentes pretendem representar a realidade Divina, incluindo o cristianismo. Por isso, Tillich entende que deve haver uma relação de aceitação e rejeição entre as religiões. Ele afirma que “na profundidade de toda religião existente há um ponto no qual a religião perde a sua importância”. Assim, mesmo o cristianismo precisa reconhecer a sua inadequação para exprimir a realidade divina (*ser-em-si*), que está expressa em todas as religiões. Por outro lado, como Cristo é a maior expressão da realidade divina, o evento da cruz aliado ao novo-ser em Cristo deve servir de base para julgar os demais símbolos religiosos⁶⁹.

Para Douglas Schwarz, ao comentar uma obra escrita por Tillich a respeito das diversas religiões mundiais, é evidenciado que, em relação as demais religiões, o cristianismo é apenas quantitativamente superior, enquanto a qualidade de todas as religiões parece ser a mesma, ambas provenientes do *ser-em-si*, a realidade última⁷⁰. O existencialismo, então, é uma análise da condição humana, e as respostas as perguntas implícitas na condição humana são sempre, aberta ou ocultamente, religiosas, pois buscam pelo fundamento do ser, do qual estão alienados⁷¹. Assim, como todo ser existente, em sua natureza, ao mesmo tempo no qual está alienado, também participa do *ser-em-si*⁷². Tillich chega à conclusão de que o sagrado não está separado do secular, mas que representa a profundidade de todo movimento secular, como aponta Schwarz⁷³. As experiências revelatórias, então, são consideradas universalmente humanas e, devido a finitude humana, elas sempre recebem uma forma concreta/simbólica distorcida, quer em forma religiosa ou “secular”. O teólogo cristão, portanto, não deve rejeitar as religiões que diferem da sua, nem rejeitar quaisquer outros movimentos sociais ou políticos, pois estes também são repostas ao encontro com a preocupação última

Quanto ao papel da história da religião, ela afirma que antes de Cristo havia uma revelação que pode ser encontrada em todas as culturas, como na cultura judaica ou em outras não declaradamente religiosas. Essa revelação estava preparando o caminho para a revelação final, Jesus Cristo. Assim, ainda que ao longo da história muitos outros símbolos revelatórios foram dados à humanidade, todos estão subordinados ao filtro do homem Jesus de Nazaré, o maior símbolo no qual o infinito foi manifestado⁷⁴. O que ocorre na cruz de Cristo, para Tillich, ocorre de maneira fragmentaria em outros lugares, momentos e religiões. Se torna possível, então, a possibilidade de uma teologia universal que reconhece a manifestação do *ser-em-si* na profundidade de todas as religiões, afirma Schwarz⁷⁵.

Em sua mais extensa obra, a Teologia sistemática, Tillich afirma que “Todo mito contém um pensamento teológico”, assim, as expressões religiosas do hinduísmo, da filosofia grega ou interpretações rituais da lei divina como revelada na bíblia são “teologias”, ou seja, uma interpretação racional e tangível da substância religiosa universal⁷⁶. Para Tillich, então, se a teologia é tratada de forma empírica, sem envolvimento existencial com a finitude, a angústia e o desespero

⁶⁹ SCHWARZ, 1986, p. 110.

⁷⁰ SCHWARZ, 1986, p. 110.

⁷¹ TILLICH, 2005, p. 321

⁷² SCHWARZ, 1986, p. 109.

⁷³ SCHWARZ, 1986, p. 111.

⁷⁴ SCHWARZ, 1986, p. 109.

⁷⁵ SCHWARZ, 1986, p. 112

⁷⁶ TILLICH, 2005, p. 33.

do ser humano, ela não será reconhecida por ninguém. Por isso, a atitude do teólogo deve ser existencial⁷⁷.

De acordo com ele, então, deve ser rejeitada a ideia de que a bíblia é a única fonte de teologia. Uma vez que a mensagem da bíblia não pode ser entendida ou recebida sem uma preparação proveniente da religião ou cultura, é dito que a Palavra de Deus “não está limitada às palavras de um livro e que o ato da revelação não se identifica com a “inspiração” de um “livro de revelações”⁷⁸. Assim, a fim de ser relevante para a situação existencial da comunidade, a teologia “pode usar conceitos gregos, romanos, alemães e modernos ao interpretar a mensagem bíblica”, pois os escritos bíblicos selecionados pela igreja para formar o cânon também foram influenciados por essas culturas e são expressões da preocupação última dos indivíduos que o formaram e daqueles que reuniram os escritos sagrados em seus respectivos contextos e culturas⁷⁹.

Isso se explica que, para Tillich, a teologia tem dois polos de atuação: a verdade eterna que a fundamenta e a situação temporal em que esta verdade deve ser recebida⁸⁰. Devido a esse fator, a teologia, os ritos e as escrituras religiosas, incluindo a bíblia, devem ser entendidas simbolicamente. Ele ainda afirma que os símbolos, ainda que necessários para se referir a Deus, são inadequados, devidos a incapacidade de expressar adequadamente a realidade infinita. Justamente por isso, ele evita a tendência religiosa de supor que a verdade última se encontra somente nos símbolos de sua tradição. Por isso, ele convoca todas as religiões a olhar para além de si mesmas, reconhecendo a relatividade de sua expressão simbólica. De acordo com sua teologia existencialista, a verdade última está além de qualquer expressão finita, ou então, de qualquer religião⁸¹. Neste sentido, Galvani e Rodrigues escreveram o seguinte:

A produção de uma teologia da cultura e aplicação do método da correlação em seu sistema só são possíveis devido ao pressuposto de que a religião é um aspecto do espírito humano. Ela não é uma função especial entre outras, antes “a dimensão de profundidade em todas as funções. Ao usar a metáfora “dimensão de profundidade”, Tillich pressupõe que a cultura possui em seu interior uma essência religiosa, uma preocupação última intrínseca em cada uma de suas manifestações.⁸²

Por lidar com dois polos distintos, um eterno e imutável e outro temporal e mutável, a teologia deve possuir um caráter dinâmico. Por isso, ele afirma que “novas formulações teóricas precisam ser feitas sempre que a substância da fé comece a ser ameaçada por doutrinas ou teologias inadequadas”⁸³. Neste sentido, o critério que Tillich utiliza para verificar a adequação de uma determinada teologia é a sua capacidade de falar à cultura para a qual é elaborada⁸⁴, pois, a teologia sistemática é uma tarefa “condicionada religiosa e culturalmente”, que deve estar atenta à situação existencial humana. Isto faz da teologia uma “tarefa construtiva”, que precisa seguir continuamente no processo de elaborar uma interpretação da bíblia que seja relevante para a situação existencial dos indivíduos, caso contrário, a teologia não cumpre seu papel de comunicar sua mensagem⁸⁵.

⁷⁷ TILLICH, 2005, p. 39-40.

⁷⁸ TILLICH, 2005, p. 50.

⁷⁹ TILLICH, 2005, p.53.

⁸⁰ TILLICH, 2005, p. 21.

⁸¹ SCHWARZ, 1986, p. 108.

⁸² RODRIGUES; GALVANI, 2019, p. 600.

⁸³ TILLICH, Paul. *História do pensamento Cristão*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2015. p. 21.

⁸⁴ TILLICH, 2005, p. 21-22.

⁸⁵ TILLICH, 2005, p. 67.

Elaborando a ideia de que “o universo é o santuário de Deus”, ele argumenta: religião como preocupação última é a substância que confere significado a cultura, e essa é a totalidade das formas em que se expressa a preocupação fundamental que constitui a religião. Em resumo: a religião é o conteúdo da cultura, e a cultura é a forma da religião”⁸⁶. Neste contexto, Jesus foi um ser humano que alcançou uma união com Deus, sendo um símbolo do relacionamento humano com o transcendente; outros símbolos podem ser encontrados em meio às demais religiões existentes⁸⁷. Dessa maneira, a recepção da revelação e a resposta humana diante dela e dentro de seu contexto cultural é o que Tillich chama de “Religião” Em outras palavras, religião e cultura funcionam como termos intercambiáveis e complementares. Ainda que a produção das religiões ocorra na história, “a verdade de um símbolo religioso não tem nenhuma relação com a verdade das afirmações empíricas relacionadas a ela, quer sejam, físicas, psicológicas ou históricas”⁸⁸. Não pode existir uma história revelada, pois, em sua natureza, a história não pertence a realidade, a base do ser, e não pode ser uma fonte de revelação⁸⁹. Para ele, então:

A reivindicação incondicional e universal do cristianismo não se baseia em sua própria superioridade sobre as demais religiões. O cristianismo, sem ser final em si mesmo, testemunha a respeito da revelação final. O cristianismo como cristianismo não é nem final nem universal. Mas aquilo a respeito do qual testemunha é final e universal. Não se deve esquecer esta profunda dialética do cristianismo em favor de autoafirmações eclesiais ou ortodoxas. Contra elas, a chamada teologia liberal está certa em negar que uma religião possa reivindicar caráter final ou mesmo superioridade. Um cristianismo que não afirme que Jesus de Nazaré é sacrificado a Jesus como o Cristo é simplesmente uma religião a mais entre muitas outras.⁹⁰

Como visto, a cruz de Cristo é a norma da religião cristã como quantitativamente superior as demais religiões. Contudo, dentro do aspecto mais amplo da teologia tillichiana, essa manifestação quantitativamente maior não confere um grau de superioridade isolado para a religião cristã, uma vez que testemunha da mesma verdade última que qualquer outra religião. “Revelação e salvação são inseparáveis, e há poder de revelação e de salvação em todas as religiões”⁹¹. A essência do cristianismo, o *Logos* universal, pode ser encontrado em outras religiões.

A concretização de tal experiência última ocorre e é aceitável, mas possui caráter e valor secundários. Em outras palavras, a causa primária da religião consiste no *ser-em-si*, além do tempo e espaço, e religião, por sua vez, é a causa secundária deste processo, localizando-se no tempo e espaço e surgindo como expressão humana do divino⁹². Dessa maneira, é possível encontrar na teologia existencialista de Paul Tillich uma instabilidade religiosa que exerce papel significativo no desenvolvimento contemporâneo de temáticas relacionadas ao pluralismo religioso.

⁸⁶ TILLICH, Paul. *Teologia de la cultura y otros ensayos*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1974, p. 45.

⁸⁷ MCGRATH, 2010, p. 426.

⁸⁸ DULLES, 1956, p. 350.

⁸⁹ DULLES, 1956, p. 354.

⁹⁰ TILLICH, 2005, p. 146.

⁹¹ RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Fé e pluralismo religioso: reflexão a partir da teologia de Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*. v. 12, n. 23, p. 34, 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/4341/3673>. Acesso em: 18 mar. 2022.

⁹² RIBEIRO, 2013, p. 38.

Considerações Finais

Neste artigo, segundo a Teologia Sistemática de Tillich, Deus é o ser impessoal que constitui a base de todo ser pessoal. O ser humano, por sua vez, é uma mescla de ser e não-ser, possuindo a base do *ser-em-si* e as possibilidades do não-ser, uma mescla entre a realidade última interior e a existência concreta no tempo-espaço. Conseqüentemente, o ser humano, como ser concreto, necessita expressar a experiência religiosa espiritual em termos concretos, processo a partir do qual surgem as religiões. A respeito da relação entre a comunidade espiritual neste mundo e a as religiões, Mathias afirmou: “a esta Comunidade Espiritual o Reino não pertence somente aos cristãos, mas aos homens de qualquer época, lugar, nação, desde que eles sejam aferrados pela Presença Espiritual e sejam claramente determinados por ela, ainda que fragmentariamente.”⁹³

No fundo de todas as religiões existentes, portanto, há um ponto em que a religião como tal perde a sua importância e particularidade, fazendo com que a liberdade espiritual lhe dê uma visão da presença do divino em tudo⁹⁴. Assim, há valor salvífico em todas verdadeiras religiões, cujas manifestações se desenvolvem ao longo da história e cultura. A religião verdadeira, ou profunda, chamada por Tillich de religião do “espírito concreto”, é a religião por trás de todas as demais expressões religiosas.

Dessa maneira, a religião do espírito concreto não pode ser confundida com nenhuma religião específica, nem mesmo com o cristianismo de Tillich. Por este motivo, nenhuma tradição religiosa pode ser considerada superior a alguma outra, pois, de acordo com Tillich, todas as religiões são igualmente válidas, apesar de suas limitações, como notou Schwarz⁹⁵. Neste sentido, não é necessário que todas as igrejas se unifiquem, pois todos os “grupos como nações e igrejas participam, em seu ser essencial, da unidade do Reino plenificado de Deus”, apesar de suas diferentes formas materiais de manifestação⁹⁶. Em outras palavras; a verdadeira religião não pode ser identificada com nenhuma outra, enquanto todas as religiões possuem a essência da verdadeira religião, o *logos* divino.

De acordo com a presente pesquisa, então, foi possível notar que, de acordo com escritos de Tillich e o desenvolvimento de seus escritos sobre religiões. Deus é a base de todo ser, o ser-em-si ou preocupação última. Assim, uma visão atemporal de Deus e essencialista a respeito da natureza humana estabelece a base para Tillich afirmar que o ser divino está presente, de forma subjetiva, em todos os indivíduos e culturas. Esses princípios fundamentais funcionam como princípios articuladores de sua eclesiologia.

Esse princípio foi desenvolvido da seguinte maneira: se por um lado a parte física e histórico-temporal do ser humano se dá no mundo, dentro de uma cultura, por outro foi compreendido que a Palavra de Deus (*logos*) está em um nível além da esfera humana de conhecimento. Essa palavra, que está essencialmente nas criaturas, precisa ser transmitida aos seres humanos, partindo da razão ontológica (atemporal) para a efetiva (temporal), que pode ser compreendida pelo ser temporais,

⁹³ MATHIAS, L. G. Paul Tillich: Pistas para uma Teologia do Pluralismo Religioso. *Sacrilegens*, v. 4, n. 1, p. 44, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26414>. Acesso em: 17 mar. 2022.

⁹⁴ MATHIAS, 2007, p. 46.

⁹⁵ DULLES, 1986, p. 106.

⁹⁶ TILLICH, 2005, p. 836.

em sua determinada cultura. Dentro dessa visão, portanto, Deus não se comunica da maneira pessoal e externa, pois é um poder inerente aos indivíduos em sua essência.

Desse modo, a Bíblia ou qualquer outro livro; as religiões cristãs ou qualquer outro movimento social e religioso refletem de maneira limitada o que foi recebido no contato místico com o divino que está presente em tudo e todos. A teologia existencialista de Paul Tillich, portanto, afirma a seguinte ambiguidade religiosa: as manifestações religiosas são sempre distorcidas, uma vez que são expressões do *logos* que está presente em todas as religiões. As manifestações religiosas, também, são sempre verdadeiras, justamente por serem expressões do *logos* eterno. Dessa maneira, a partir da teologia desenvolvida por Tillich em seus escritos teológicos e filosóficos baseados na visão atemporal e impessoal de Deus como o ser-em-si inerente a todas as criaturas, o pluralismo religioso é naturalmente desenvolvido como algo que, muito além de unir todas as religiões em uma só, enxerga a união que todas as verdadeiras religiões possuem entre si apesar das diferentes expressões, pois todas participam e apontam para a preocupação última: o ser-em-si eterno.

Referências

ARNETT, William M. Existentialism in the Thought of Bultmann and Tillich. *The Asbury Seminary*. v. 20, n. 02, p. 28-39, 1966. Disponível em:

<https://place.asburyseminary.edu/asburyjournal/vol20/iss2/5>. Acesso em: 15 mar. 2022.

BALEIRO, Cleber A. S. Tillich e a Teologia do Pluralismo Religioso. *Revista Eletrônica Correlatio*. v. 13, n. 26, p. 13, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/5491/4580>. Acesso em: 18 mar. 2022.

CANALE, Fernando Luis. Paradigm, System, and Theological Pluralism. *Evangelical Quarterly*. v. 70, n. 03, p. 195-218, 1998. Disponível em: http://biblicalstudies.gospelstudies.org.uk/pdf/eq/1998-3_195.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.

DREISBACH, Donald F. Essence, Existence, and the Fall: Paul Tillich's Analysis of Existence. *The Harvard Theological Review*, v. 73, n. 3/4, p. 521-538, 1980. Disponível em:

<http://www.jstor.org/stable/1509738>. Acesso em: 18 mar. 2022.

DULLES, Avery R. Paul Tillich and the Bible. *Theological Studies*, v. 17, n. 03, p. 345-367, 1956. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F004056395601700303>. Acesso em: 15 mar. 2022.

GREAN, Stanley. Truth and Faith in Paul Tillich's Thought: The Criteria and Values of Ultimacy. *Ultimate Reality and Meaning*, v. 16, n. 1-2, p. 156, 1993. Disponível em:

<https://www.utpjournals.press/doi/epdf/10.3138/uram.16.1-2.149>. Acesso em: 18 mar. 2022.

KECKERMANN, Bartholomaeus. *Systema sacrosanctae theologiae, tribus libris adornatum*.

Hanoviae: Gulielmus Antonius, 1602; also found in Keckermann's *Operum omnium quae extant*, 2 vols., Geneva: Petrus Aubertus, 1614.

MATHIAS, L. G. Paul Tillich: Pistas para uma Teologia do Pluralismo Religioso. *Sacrilegens*, v. 4, n. 1, p. 44, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26414>. Acesso em: 17 mar. 2022.

MCDONALD, H. D. The Symbolic Christology of Paul Tillich. *Vox Evangelica*, v. 18, p. 75-88, 1988. Disponível em: https://biblicalstudies.org.uk/pdf/vox/vol18/tillich_mcdonald.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.

MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica: uma introdução à teologia cristã*. Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2010.

RODRIGUES, Adriani Milli; GALVANI, Gabriel Pilon. O conceito de Logos em Paul Tillich e suas implicações para o método e o sistema teológico tillichiano. *Reflexus*, v. 13, n. 22, p. 595-618, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337854284_O_conceito_de_Logos_em_Paul_Tillich_e_suas_implicacoes_para_o_metodo_e_o_sistema_teologico_tillichiano. Acesso em: 15 mar. 2022.

SCHWARZ, O. Douglas. RELIGIOUS RELATIVISM: PAUL TILLICH'S 'LAST WORD.' *American Journal of Theology & Philosophy*, v. 7, n. 2, p. 106–114, 1986. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27943689>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SONTAG, Frederick. Biblical Authority and Tillich's Search for the Ultimate. *Journal of Bible and Religion*, v. 30, n. 04, p. 278–83, 1962. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1459680>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SOUZA, Glauber. Paul Tillich e sua Teologia da Cultura. *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 09, n. 17, p. 178-187, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/2149/2143>. Acesso: 15 mar. 2022.

TILLICH, Paul. *História do pensamento Cristão*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2015.

TILLICH, Paul. *Teologia de la cultura y otros ensayos*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1974.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TILLICH, Paul. *The Future of Religions*. New York: Harper & Row, 1966.